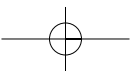
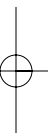




ANTES DE ESTAREM PRONTOS
OS MAPAS DO MUNDO



Era uma vez uma ilha, nem pequena nem grande, mais ou menos em forma de triângulo, que estava muito sossegada no meio do mar, cercada de recifes de coral. As praias dormiam calmamente ao sabor das ondas, e pelo fundo nadavam peixes de muitas cores e muitos feitios que já andavam a nadar assim desde sempre. Ao princípio não vivia lá ninguém. Havia alguns marinheiros, uns vindos de um lugar chamado Arábia e outros de um lugar chamado Malásia, que de vez em quando passavam por ali. Mas nunca se demoravam muito, nem ligavam grande importância àqueles areais tranquilos. No sítio onde eu nasci, quando queremos falar de histórias imaginárias que já aconteceram há muito tempo, dizemos que foi no tempo em que os animais falavam. Mas, como esta história é verdadeira, é melhor dizer-se que foi no tempo em que ainda estavam a desenhar-se os mapas do mundo. Foi nessa altura, a que hoje chamamos os Descobrimentos, que o mar à volta da ilha passou a ser conhecido como o oceano Índico e depois se seguiu tudo isto.

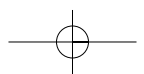
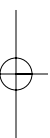
Os Descobrimentos começaram há cerca de seiscentos anos, quando as pessoas de um continente bastante pequeno

chamado Europa desataram a sentir uma grande inquietação dentro delas e resolveram ir ver tudo o que ficava do outro lado dos mares que as rodeavam. Antes já outras pessoas tinham feito coisas parecidas, mas nunca com tanta teimosia, nem de uma forma tão colossal. Os barcos começaram a sair às centenas de dezenas de portos, com o vento a enfunar as velas enormes penduradas de mastros muito altos e a madeira do casco a cortar a espuma de uma água que ninguém entendia bem de onde vinha nem onde é que ia ter, carregados de gente que não sabia para onde ia nem se alguma vez conseguiria voltar.

Agora até parece bastante simples, mas na altura os Descobrimentos estiveram cheios de medos e de segredos e de histórias inacreditáveis, e de navios afundados e de gente aflita aos gritos no meio de tempestades enormes, e de lendas, de sangue, de aventuras tremendas e de sonhos esquisitos. Demorou tudo mais de dois séculos, e no fim os mapas do mundo eram iguais ao que são agora. Para se chegar aí fizeram-se muitas coisas absolutamente gloriosas, e ao mesmo tempo fizeram-se outras tantas coisas bastante horríveis. Só que, na altura, quem as estava a fazer não achava que nada daquilo fosse especialmente horrível. O que já está feito já não se desfaz, já foi há muito tempo e o tempo nunca volta ao princípio. Os mapas do mundo ficaram completos, mas morreram muitas pessoas pelo meio. E, embora disso se fale menos, também desapareceram para sempre muitos animais e muitas plantas que para nós só existem em desenhos antigos. Foi o que aconteceu aos pássaros doidos que viviam na tal ilha.



QUANDO DEIXOU DE EXISTIR A FLORESTA



A ilha ainda continuou alguns anos sem ter nome, e durante esse tempo estava toda coberta por grandes florestas, com muitas árvores e muitos arbustos e muitas flores de todas as cores. Os únicos animais que lá viviam eram uns morcegos enormes que comiam frutos, alguns répteis e imensos pássaros. Bastantes desses pássaros só existiam mesmo naquela ilha, porque isso é uma coisa que nas ilhas acontece com bastante frequência. Como estão isoladas do resto do mundo, os animais que lá vivem vão-se desenvolvendo segundo as suas regras próprias. Equipam-se cada vez melhor para tirarem o máximo de proveito possível do mundo pequenino que os rodeia, e no fim acabam por não se parecerem com nenhuns outros.

É por isso, por exemplo, que só na Austrália é que há cangurus. Os cangurus não se parecem com nada do que existe no resto do Planeta, e isso aconteceu assim porque a Austrália é uma ilha. As ilhas são os lugares onde a Natureza gosta de fazer mais maluquices, porque estão fechadas sobre si próprias, afastadas das grandes leis muito mais complicadas que governam os sítios maiores, como os continentes. O